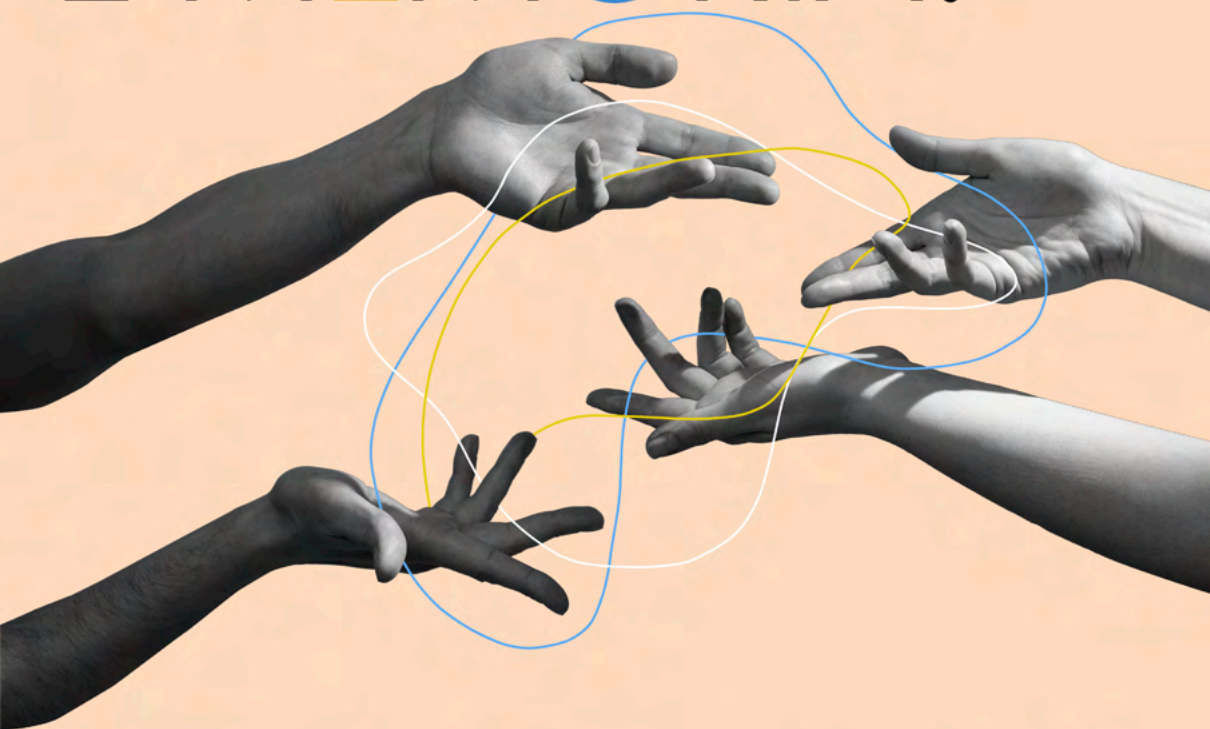


CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:



Manifestações e influência na atualidade

Edwaldo Costa
Rodrigo Daniel Levoti Portari
(Organizadores)


Ano 2021

CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:



Manifestações e influência na atualidade

Edwaldo Costa
Rodrigo Daniel Levoti Portari
(Organizadores)


Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Cultura, sociedade e memória: manifestações e influência na atualidade

Diagramação: Camila Alves de Cremo

Correção: Flávia Roberta Barão

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Revisão: Os autores

Organizadores: Edwaldo Costa
Rodrigo Portari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 Cultura, sociedade e memória: manifestações e influência na atualidade / Organizadores Edwaldo Costa, Rodrigo Portari. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-663-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.635212311>

1. Cultura. 2. Sociedade. 3. Memória. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II. Portari, Rodrigo (Organizador). III. Título.
CDD 306.098

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Este e-book são manifestações e influência da fecunda e complexa experiência humana na atualidade, vista aqui pelo prisma do tripé Cultura, Sociedade e Memória, novelo que dá título à obra. Com visão multidisciplinar, os artigos científicos elucidam a cultura numa abordagem abrangente, como um conjunto de relações humanas, em suas formas materiais e imateriais, o que revela a diversidade cultural presente nos temas do cotidiano. Seguindo esse horizonte, são abordadas: arte e cultura na área da enfermagem de Pediatria do Hospital de Clínicas da Unicamp; o sagrado e a simbologia da benzedura; lutas e resistência na conservação da cultura folclórica; análise das obras com bonecas de Hans Bellmer e Gérard Quenum, a partir das questões de representação, infância, violência e sexualidade; Mia Couto: memória e 'tradução cultural' em O Último Voo do Flamingo; reflexões sobre as relações entre arte brasileira, meio-ambiente e as novas tecnologias; projetos culturais Guarani Mbya; a ressignificação e a remontagem de materiais com filmes do expressionismo alemão; a experiência formativa proposta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); inclusão e exclusão de pessoas com deficiência em contextos de preconceito na educação não formal; psicólogos/as e suas falas sobre jovens pobres: formação e práticas de exclusão social; abrigos de bondes em Salvador e; mulheres compositoras no Pará, recuperando suas identidades, práticas e produções artísticas. Ao longo dos doze capítulos que integram o e-book, uma diversidade de temas e recortes são elencados, abordando as relações entre cultura, sociedade e memória colocando em cena seus processos de construção, afirmação e resistências. Um dos objetivos deste e-book é propor análises e fomentar discussões a partir de diferentes pontos de vista: político, social, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição. Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, temas, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa.

Edwaldo Costa
Rodrigo Portari

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ARTE E CULTURA NAS ENFERMARIAS – A HUMANIZAÇÃO ATRAVÉS DAS VIVÊNCIAS CULTURAIS

Geraldo José Camargo


Celso Ribeiro de Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123111>

CAPÍTULO 2..... 3

A MÍSTICA E OS MITOS DA FLORESTA NA BENZIÇÃO AMAZÔNICA


Deilson do Carmo Trindade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123112>

CAPÍTULO 3..... 15

GUERREIRO SÃO PEDRO ALAGOANO: LUTAS E RESISTÊNCIA NA CONSERVAÇÃO DA CULTURA FOLCLÓRICA (MACEIÓ, 1990- 2020)


Verônica Lopes dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123113>

CAPÍTULO 4..... 27

MIA COUTO: MEMÓRIA E ‘TRADUÇÃO CULTURAL’ EM *O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO*

José Paulo de Lemos e Melo Cruz Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123115>

CAPÍTULO 5..... 44

O MANIFESTO PAU-BRASIL DEPOIS DA BIENAL INCERTEZA VIVA: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ARTE BRASILEIRA, MEIO-AMBIENTE E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Italo Bruno Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123116>


CAPÍTULO 6..... 55

PROJETOS CULTURAIS GUARANI MBYA: *PROAC INDÍGENA*

Alzira Lobo Arruda Campos

Marília Gomes Ghizzy Godoy

Mônica Salles da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123117>

CAPÍTULO 7..... 71

REOLHAR DO MEDO

Vitor Henrique Teodoro de Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123118>

CAPÍTULO 8..... 76


“PRECISA-SE” DE UM NOVO TRABALHADOR PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA

ANÁLISE SOBRE A EXPERIÊNCIA FORMATIVA PROPOSTA NA BNCC

George Ivan da Silva Holanda

Gabriela Barbosa Guimarães

Suélen Keiko Hara Takahama

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123119>

CAPÍTULO 9..... 87

INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM CONTEXTOS DE PRECONCEITO NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Francisco Renato Silva Ferreira


Miguel Melo Ifadireó

Vanessa de Carvalho Nilo Bitu

José Willyam de Sousa Silva

Alyne Andrelyna Lima Rocha Calou

Cecília Bezerra Leite


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231110>

CAPÍTULO 10..... 95

PSICÓLOGOS/AS E SUAS FALAS SOBRE JOVENS POBRES: FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE EXCLUSÃO SOCIAL

Vladya Tatyane Pereira de Lira

Fatima Maria Leite Cruz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231111>

CAPÍTULO 11..... 109

ABRIGOS DE BONDES EM SALVADOR

Manuella Araújo de Souza

Cybèle Celestino Santiago


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231112>

CAPÍTULO 12..... 122

MULHERES COMpositoras: CANÇÕES DA *BELLE ÉPOQUE* À PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX NO PARÁ

Dione Colares de Souza

Leonardo José Araujo Coelho de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231113>

SOBRE OS ORGANIZADORES 134

ÍNDICE REMISSIVO..... 135

CAPÍTULO 8

“PRECISA-SE” DE UM NOVO TRABALHADOR PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA ANÁLISE SOBRE A EXPERIÊNCIA FORMATIVA PROPOSTA NA BNCC

Data de aceite: 01/11/2021

George Ivan da Silva Holanda

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Jataí (UFJ). Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás - Campus Goiânia ESEFFEGO (UEG-ESEFFEGO). Especialização em Docência com Ênfase na Educação Inclusiva pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - Campus Arcos (IFMG-Arcos)
<http://lattes.cnpq.br/5959449417138968>
<https://orcid.org/0000-0002-4671-7555>

Gabriela Barbosa Guimarães

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Jataí (UFJ)
<http://lattes.cnpq.br/6850440892351290>
<https://orcid.org/0000-0002-4573-5655>

Suélen Keiko Hara Takahama

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Jataí (UFJ) e bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Especialista em Educação Especial (PUC-MG)
<http://lattes.cnpq.br/6672018912589028>
<https://orcid.org/0000-0002-7490-4913>

RESUMO: O presente texto apresenta uma reflexão sobre a experiência formativa apresentada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para tanto, desenvolve uma análise sobre a conceito de experiência, na ótica de Walter Benjamin e Edward Palmer *Thompson*,

dando ênfase ao seu caráter formativo e suas interrelações com o categoria trabalho. Nas considerações finais é evidenciado que a versão final da base comum curricular “impõe” uma experiência formativa empobrecedora para os estudantes brasileiros, focando demasiadamente na formação de sujeitos “qualificados” para o mercado de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; BNCC; Experiência formativa.

A NEW WORKER FOR BRAZILIAN SOCIETY IS “NEEDED”: AN ANALYSIS ON THE FORMATIVE EXPERIENCE AT BNCC

ABSTRACT: This text presents a reflection on the formative experience presented by the Common National Curriculum Base (BNCC). Therefore, it develops an analysis of the concept of experience, from the perspective of Walter Benjamin and Edward Palmer Thompson, emphasizing its formative character and its interrelationship with the work category. In the final considerations, it is evident that the final version of the curricular common base “imposes” an impoverishing formative experience for Brazilian students, focusing too much on the formation of “qualified” subjects for the labor market.

KEYWORDS: Education; BNCC; Formative experience.

“SE NECESITA” UN NUEVO TRABAJADOR PARA LA SOCIEDAD BRASILEÑA: ANÁLISIS DE UNA EXPERIENCIA DE FORMACIÓN PROPUESTA EN BNCC

RESUMEM: Este texto presenta una reflexión

sobre la experiencia formativa presentada por el Common National Curriculum Base (BNCC). Por tanto, desarrolla un análisis del concepto de experiencia, desde la perspectiva de Walter Benjamin y Edward Palmer Thompson, destacando su carácter formativo y su interrelación con la categoría de obra. En las consideraciones finales, es evidente que la versión final del currículo de base común “impone” una experiencia formativa empobrecedora para los estudiantes brasileños, enfocándose demasiado en la formación de sujetos “calificados” para el mercado laboral.

PALABRAS-CLAVE: Educación; BNCC; Experiencia formativa.

INTRODUÇÃO

O final do século XX, mais especificamente a década de 1990, foi marcante para a educação brasileira pois representou uma redefinição da função do Estado como elaborador de políticas públicas. Para comprovar esta afirmativa, basta destacar que foi nesse período que surgiu a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB), que teve como principal avanço a garantia legal da educação pública para todos os sujeitos. É também nesse cenário que surge os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os quais se apresentavam como projetos de experiência formativa que deveriam ser seguidos pelas escolas brasileiras (DOURADO, SIQUEIRA, 2019).

A partir dos anos 2000 surgem outros documentos norteadores para a experiência formativa do país como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que apresentava determinações e sistematizações para a organização dos currículos de todas as escolas em âmbito nacional. O que todos esses documentos possuíam em comum era um projeto claro de direcionamento para a formação humana dos discentes brasileiros, corroborando com a tese de Mendes (2009) de que as políticas públicas educacionais sempre guardam consigo projetos de formação de visões de mundo que podem determinar os rumos de uma sociedade.

Nesse sentido, a última grande investida em âmbito nacional com relação à normatização da experiência formativa das escolas brasileiras foi a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A base nacional é um documento que apresenta uma série de aprendizagens essenciais que deverão ser trabalhadas em todas as etapas da educação básica nacional (BRASIL, 2017). Em consonância com o debate apresentado pelos autores acima, no que diz respeito aos sentidos ideológicos que todo documento normativo apresenta, é possível fazer algumas indagações, a saber: qual será o tipo de experiência formativa que está contida na BNCC? Que tipo de sujeito (trabalhador) as escolas brasileiras estão sendo “orientadas” a formarem com implementação de uma base nacional? Quais rumos a sociedade brasileira tomará após a formação dos estudantes com base no documento supracitado? Problematizar esses questionamentos é o que compõe a sequência lógico-propositiva deste ensaio.

A EXPERIÊNCIA FORMATIVA: UM DIÁLOGO COM E. P. THOMPSON E W. BENJAMIN

Segundo Benjamin (1987), experiência é conhecimento, é um tipo de aprendizado que, uma vez acumulado e devidamente preservado, pode ser intercambiado entre gerações. Por isso, é possível compreendê-la como uma espécie de saber, ensinamento, patrimônio cultural, em outro termos, a experiência é formação.

Para esclarecer ao leitor acerca desse conceito, Benjamin lança mão da fábula do grego Esopo, intitulada de “O agricultor e seu filho”, nela:

Um rico e idoso agricultor, que sabia não ter já muitos dias de vida pela frente, chamou os filhos à beira da cama e disse-lhes: — Meus filhos, ouvi com atenção o que tenho 18 para vos dizer. Não façais a partilha da quinta que por muitas gerações tem pertencido à nossa família. Algures, no campo, está enterrado um valioso tesouro. Não sei o sítio exato, mas ele está lá, e com certeza o encontrareis. Esforçai-vos na busca e não deixeis nenhum ponto do terreno por escavar. Pouco tempo depois, o velho homem morreu, e logo que ele foi sepultado, os filhos começaram o seu trabalho de busca, cavando e revirando cada pedaço de terra da quinta com as suas pás e os seus fortes braços, dando a volta ao terreno duas ou três vezes. Nenhum tesouro foi encontrado. Mas quando chegou o tempo da colheita e se sentaram para verem quanto tinham ganhado, descobriram que haviam lucrado mais do que todos os seus vizinhos. Perceberam então que o tesouro de que o pai lhes falara era a abundante colheita, e que com o seu esforço haviam encontrado o verdadeiro tesouro (PINHEIRO, 2012, p. 188).

Ao comentar a fábula acima descrita, Benjamin (1987, p. 114) explica que, ao narrar a seus filhos acerca do tesouro, a ideia real do velho agricultor era transmitir uma certa experiência: “a felicidade não está no ouro, mas no trabalho.” A partir disso nascem algumas indagações: Por que não apresentar a seus filhos, sem rodeos, nem divagações o ensinamento desejado? Por que o velho agricultor não foi mais objetivo no momento de comunicar sua experiência? O autor explica que essa era a maneira (antiga) de comunicar experiência aos jovens, um modo de formação que vinha de modo conciso, respaldada pela responsabilidade da autoridade da velhice, com prolixidade e loquacidade, muitas vezes passadas de pais para filhos, ou senão oriundas de terras longínquas e contadas diante de uma lareira.

Diante do exposto acima, Benjamin (1987) se pergunta o que será que aconteceu, na modernidade, com aquele jeito de se comunicar experiência (de formar os sujeitos) que quase a fez desaparecer? Por onde andam os provérbios oportunos? Qual sujeito, em sã consciência, tenta lidar com os jovens invocando suas experiências acumuladas? Onde encontrar pessoas ainda capazes de contar histórias da maneira que ela deve e merece ser contada? Com tais indagações, o autor parece inferir que isso não mais seja possível, pois há tempos que as experiências estão em baixa e a explicação para tal fato talvez se deva às mudanças ocorridas no processo de trabalho que é desenvolvido nas sociedades.

Além dessa mudança, que para Benjamin (1987), acentuaram-se no pós-guerra,

ainda houve mais um problema: as mudanças provocadas pelo desenvolvimento da técnica. O autor enfatiza que uma geração acostumada a ir às escolas a cavalo, de repente, viu-se abandonada em meio a significativas mudanças trazidas por essa técnica, ao ponto de se depararem com tudo diferente, com exceção do céu acima de suas cabeças. Com isso, Benjamin (1987, p. 115) alerta: “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem,” qual seja, a pobreza de experiências.

Mas, para o filósofo alemão, não somente esse empobrecimento da experiência ficou comprometida na modernidade. A esse respeito, Benjamin (1987, p. 116) é enfático: “[...] a nossa pobreza de experiência é apenas parte da grande pobreza que recebeu novamente um rosto [...]. Pois qual o valor de todo nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” Vê-se nisso que a lamentação do autor com relação ao panorama geral no qual se encontra é tão grande que o obriga a questionar-se sobre o real valor da cultura na modernidade. Fica a sensação de que não adianta todo um patrimônio cultural construído há séculos, se expropriaram dos sujeitos as possibilidades de forma-se pela experiência.

Na visão de Benjamin (1989), essa categoria é importante para a conservação de um sentimento de pertencimento das comunidades, pois a experiência se dá no e para o coletivo. No entanto, o autor enfatiza que na modernidade, em função da sobreposição da técnica sobre os sujeitos, as possibilidades de experiências tornaram-se dificultadas, ao ponto de quase serem extinguidas. Ou seja, Benjamin (1987) foi capaz de notar que o século XX foi determinante para o desenvolvimento acelerado do sistema capitalista, o qual promoveu uma série de mudanças nas possibilidades de experiências formativas dos sujeitos modernos.

Outro autor que também se debruça sobre as possibilidades das experiências enquanto formação (saber, conhecimento) é E. P. Thompson. Para ele, a experiência pode ser conceituada como uma “[...] resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (THOMPSON, 1981, p. 15). Assim, para esse autor, a experiência pode ser modificada a depender dos acontecimentos pelos quais passa o sujeito durante a sua vida.

Galuch e Palagaba (2008, p. 65), discorrendo sobre as experiências, afirmam-na enquanto uma “[...] atividade teórico-prática, decorrente da relação sujeito/objeto”. Relação esta que se dá no instante em que o homem modifica a natureza para dela extrair os recursos necessários para garantir sua subsistência, sendo uma categoria fundamentalmente mediada pelo trabalho.

Ainda nessa linha, Thompson (1981) destaca que as experiências precisam ser compreendidas como oriundas da produção material dos sujeitos, configurando-se como o modo pelo qual os homens se formam enquanto sujeitos coletivos. Nesse sentido, podemos

inferir que a experiência está ligada a produção da vida, sendo está dada por meio do trabalho. Pois é por meio da ação humana na transformação do mundo, pelo trabalho, que o homem tem/intercambia experiências.

Para Thompson (1981), é necessário interpretar a experiência na realidade social pois esta categoria relaciona-se com diversos contextos tais como a escola e o trabalho. Para o autor, a experiência advinda dessa relação estabelecida com o mundo em sua concretude pode interferir na construção dos significados que os homens e mulheres darão para mundo.

A EXPERIÊNCIA COMO FORMAÇÃO E SUAS INTERRELAÇÕES COM A CATEGORIA TRABALHO

O conceito de experiência, como evidenciado por Benjamin (1989) e Thompson (1981) guarda uma relação íntima com a categoria trabalho. Para elucidar essa questão, o próprio Benjamin (1987) ressalta que as mudanças na forma de trabalho, isto é, as transformações pelas quais passou o sistema produtivo na modernidade, alterou a experiência formativa dos sujeitos. Para o autor, o trabalho sofreu alterações profundas em sua estrutura básica, obedecendo ao ritmo alucinante das máquinas (automatização), tornando-se assim uma prática totalmente alheia ao trabalhador, impossibilitando-o de intercambiar experiências e por meio delas formar-se.

Imergindo mais na literatura sobre a temática, é possível compreender que Karl Marx já havia analisado e constatado o modo que as mudanças ocorridas no processo de trabalho transformaram a relação do sujeito com o mundo, alterando a experiência formativa dele advinda. Na obra *O capital* esse autor apresenta uma análise a respeito das alterações impressas no processo de produção. Para Marx (1996), a nova forma de produção propalada principalmente pela revolução industrial burguesa, com o trabalho dela oriundo, causou cisões indelévels na experiência dos sujeitos.

O conceito de trabalho entendido nesse estudo está ancorado nos escritos de Marx. Para ele, o trabalho “[...] é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza, [...] a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida” (MARX, 1996, P. 297). Nessa mesma linha, segue o autor pontuando que “Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (MARX, 1996, p. 297). Com isso, percebe-se que há no trabalho uma força formadora, depreende-se, mais uma vez, que dele deriva uma experiência formativa.

Nessa linha, salienta Marx (1996) que a existência humana só é possível a partir do trabalho, logo, é possível inferir que a experiência (enquanto formação) é uma categoria também mediada pelo intercambio (relação) do homem com a natureza. Ou seja, o sujeito ao modificar a natureza, realiza uma experiência formativa (pelo trabalho) e com isso a

transforma ao passo que modifica (forma) a si mesmo.

Dentro deste mesmo sentido, argumenta Konder (2000) que toda sociedade só vive porque consome aquilo que as mantêm vivas, sendo que para consumir dependem diretamente da própria produção, do trabalho. O autor ainda destaca que toda e qualquer “[...] sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte e lhe transmite algo da sua experiência, educa-a. Não há sociedade sem trabalho e sem educação” (KONDER, 2000, p. 112). Com isso, nota-se, mais uma vez, a centralidade que o trabalho ocupa na vida de qualquer pertencente de uma sociedade.

Nesse sentido, discutindo sobre as experiências formativas dos sujeitos com a manufatura (modo de labor muito comum no início do sistema capitalista), Marx (1996) evidencia as consequências dessa nova relação dos sujeitos com o trabalho. Para o autor, a manufatura “[...] aleija o trabalhador convertendo-o numa anomalia, ao fomentar artificialmente sua habilidade no pormenor mediante a repressão de um mundo de impulsos e capacidades produtivas [...]” (MARX, 1996, p. 474). Percebe-se, assim, que no interior das manufaturas pode estar o cerne do estranhamento do trabalho, que representa as modificações na forma possível de experiências dos homens.

Para Marx (1996), a divisão que há na manufatura, na qual há uma especialização da função do trabalhador que o afasta do que é por ele produzido, rompe com a antiga relação que ele mantinha com o trabalho. Se antes o artesão construía suas próprias ferramentas de trabalho com as quais produziria o necessário para sobreviver, após a atividade manufatureira há uma submissão do homem ao produto através da padronização e uniformização do seu trabalho. Além disso, não se produz mais para satisfazer as necessidades imediatas, mas para proporcionar lucro aos detentores dos meios de produção. Ou seja, a relação do trabalho enquanto atividade formativa plena começa a desaparecer, dando lugar a uma experiência de trabalho embrutecedor. Não é por acaso que Benjamin (1987) enfatiza que o trabalho artesanal era um dos lócus primordiais para o intercâmbio de experiências, já que está se dava no seio da coletividade.

Analisando essas novas capacidades dos sujeitos, Galuch e Palangana (2008, p. 67) salientam que, por serem “[...] fundadas na submissão dos movimentos a tempo e ritmo padronizados, não representam ganhos em termos de formação humana, de atividade reflexiva, ou seja, de experiência que amplia o conhecimento.” Isto é, o trabalho nesses moldes empobreceu a experiência formativa dele advinda impactando a formação dos sujeitos modernos. Marx (1996) também chama atenção para a organização do trabalho fabril. Para esse autor, o modo de funcionamento da fábrica, rigidez na organização do trabalho, fragmentação do processo produtivo, horários rígidos, superexploração do trabalhador são valores que se espalham por todos os setores da vida social moderna, restringindo o tempo livres dos trabalhadores. A ausência desse tempo para si faz com que esses sujeitos não tenham tempo para realizar experiências formativas.

Como a missão desse novo sistema, como bem comprovado por Marx, é acúmulo de

lucro, a mais valia, no século XX foi necessária uma agudização do processo exploratório do trabalho para que houvesse um aumento dos ganhos com o processo produtivo. Historicamente, um dos maiores responsáveis por essa mudança é Henry Ford. Este norte-americano, de acordo com Harvey (1992), intensificou a racionalização sobre o processo produtivo, aumentando sobremaneira a fragmentação do trabalho e especialização do trabalhador. Nesse movimento de intensificação da força destrutiva do trabalho, a experiência formativa sofre mais um duro golpe, já que há um aprofundamento na distância entre o sujeito que produz e o objeto produzido, gerando um trabalhador alienado que não conhece sua atividade laboral.

Dentro disso, alerta Gramsci (2007) que as modificações sistemáticas na organização do trabalho – e conseqüentemente da organização da vida das pessoas – representa a continuidade de um extenso processo que tem início com o nascimento do industrialismo. Para o autor italiano, o que ocorre no americanismo e fordismo é uma acentuação do processo que começa na manufatura, expressado agora de modo mais radical e intenso.

Para implantação dessa nova experiência formativa, oriunda desse movimento denominado por Gramsci (2007, p. 248) de americanismo e fordismo, houve a necessidade de se “[...] elaborar um novo tipo de humano, adequado ao novo tipo de trabalho e de processo produtivo”. Ford sabia que a relação do sujeito com o trabalho era fundamental para modificar a experiência dos trabalhadores, visando a criação de um novo tipo de humano, uma nova sociabilidade do trabalhador para “contribuir” na manutenção do sistema produtivo.

De acordo com o autor italiano, a influência do modo de organização das forças produtivas impacta na constituição dos sujeitos na sociedade. Para Gramsci (2007, p. 266), a implementação daquilo que ele chama de “[...] novos modos de organização do trabalho estão indissolúvelmente ligados a um determinado modo de viver, de pensar e de sentir a vida; não é possível obter êxito num campo sem obter resultados tangíveis no outro”. Ou seja, a experiência formativa impressa pela fábrica forma e transforma.

Para Harvey (1992), o modelo econômico do tipo fordista-taylorista permanece durante algum tempo como hegemônico. Até que em meados da década de 70 entra em “crise” tendo seu modo organizacional contestado pelos ideólogos do capital, que não conseguiam ver mais possibilidades de expansão de lucros com a continuidade daquele sistema. Com isso, surge a defesa da implementação de uma outra lógica de organização produtiva a qual Harvey (1992) classifica como modelo de “acumulação flexível”. Sistema também conhecido como Toyotista – em função de sua origem ter se dado, especialmente, no Japão com o engenheiro industrial da Toyota Taiichi Ohno –, como explicita Pinto (2010).

Essa reestruturação das forças produtivas altera mais uma vez a experiência formativa gerada pelo trabalho moldando novas sociabilidades e com isso modificando a maneira dos sujeitos serem, pensarem e agirem. Como explicita Harvey (1992), o sistema precisa (re)fazer os comportamentos dos sujeitos para que se mantenha o regime de

acumulação funcionando. Se para o regime fordista-taylorista era interessante um sujeito fragmentado, especialista em uma única função (lembrar do gorila amestrado desenhado por Henry Ford), com o sistema de acumulação nascente, urge que se formem outros sujeitos com características mais polivalentes, flexíveis e preparados para a exploração capitalista de sua força de trabalho.

A BNCC COMO EXPRESSÃO DE UM NOVO PROJETO DE SUJEITO (TRABALHADOR): QUAL A EXPERIÊNCIA FORMATIVA (IM)POSSÍVEL?

Segundo Brasil (2017, p. 7) A BNCC é “[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.” Sua criação surgiu no intuito de garantir aos estudantes brasileiros a aprendizagem de conteúdos mínimo, na tentativa de nivelar os currículos de todo o país.

Importante atestar que a BNCC está no bojo das políticas públicas educacionais brasileiras. Nesse sentido, antes de refletir sobre a experiência formativa contida na BNCC é preciso conceituar o que aqui se compreende por políticas públicas. Segundo Mendes (2009, p. 85) o termo políticas públicas educacionais refere-se a “[...] um conjunto de ações implementada pelo Estado em determinada área”. Para a autora, documentos dessa natureza expressam uma direção e sentido que deve ser dado para a educação.

Ainda com relação ao debate sobre a temática, Oliveira (2012, p. 9) destaca que políticas públicas educacionais são “[...] aquelas que regulam e orientam os sistemas de ensino, instituindo a educação escolar.” De acordo com esse autor, não há neutralidade na construção desses documentos já que eles representam um projeto nacional, ou seja, uma forma de pensar/organizar a formação humana do país.

Dentro disso, compreende-se que a BNCC é um documento normativo, e como todo documento dessa natureza é carregado de sentidos, contendo um projeto educativo que visa direcionar a formação de um determinado tipo de sujeito (trabalhador). Para Adrião e Peroni (2018), a existência de uma base nacional comum imporá aos currículos brasileiros uma determinada orientação no que tange à escolha de conteúdos e conhecimentos impactando na experiência formativa dos sujeitos. O autor ainda destaca que tais orientações normativas, se efetivadas, podem causar modificações na sociedade pois, a depender de como serão conduzidos os processos de ensino/aprendizagem na escola, teremos alunos capazes ou incapazes para um agir em sociedade de forma mais consciente e ativa, contribuindo na busca por uma vida mais justa e humanizada.

Na concepção de Hamid e Gonçalves (2019) a versão final da BNCC é fruto da falta de diálogos com a sociedade civil e apresenta uma proposta que se configura como um retrocesso para a Educação nacional em vários aspectos. Para as autoras, “Além de acarretar o empobrecimento de conteúdos, com a exclusão de disciplinas obrigatórias

como Filosofia, Sociologia, Educação Física e Artes; estabelecendo itinerários formativos específicos a serem escolhidos pelos estudantes (e pré-definidos pelo mercado)” (HAMID, GONÇALVES, 2019, p. 112), ainda há uma desvalorização do papel do professor e atividade docente.

Já Fernandes (2015) destaca que além de empobrecer a formação dos estudantes a BNCC está alinhada com a formação de um tipo específico de sujeito (trabalhador) o qual terá por incumbência se inserir em um mercado de trabalho cada vez mais precarizado¹. Na visão desse autor, a base nacional é pautada por uma “lógica empresarial” que tem como meta principal o resultado (produto final) e não o processo (o meio pelo qual).

Outro ponto indigesto do documento que evidencia seu caráter empobrecedor é a proposta de adaptar os estudantes às instabilidades do mercado de trabalho. Para Hamid e Gonçalves (2019, p 113), a BNCC argumenta que “[...] com o aumento do desemprego e, por conseguinte, da diminuição da oferta de trabalho formal, cresce o trabalho informal, o que remete à necessidade de preparar esses jovens para a lógica do empreendedorismo”. Para esses autores, as consequências que esse tipo de orientação enseja serão desastrosas para as próximas gerações de brasileiros e brasileiras, uma vez que a escola não tem a função de formadora de mão de obra para o trabalho, e com isso estará negando os conhecimentos necessários a uma formação mais qualificada para os sujeitos.

A partir das reflexões acima apresentadas compreende-se que a BNCC rompe com a construção de um ensino que possa ser baseado na articulação entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura, conforme as indicações de Gramsci (2007). Longe disso, o que se encontra é a promoção de políticas impositivas convergentes com o desejo do mercado de criar uma “nova pedagogia” (NEVES, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões apresentadas, destacamos é impossível pensar a formação dos sujeitos sem relacioná-la com o trabalho enquanto uma categoria fundante da organização e construção da vida humana. Com isso, o presente ensaio buscou evidenciar essa relação tendo como prisma a experiência formativa que emanam do modo organizacional do trabalho. Corroborando com Kuenzer (1991), acreditamos que as contradições existentes entre o capital e o trabalho estão inseridas na construção das políticas públicas educacionais e isso interfere na experiência formativa.

Nesse sentido, a efetivação de políticas educacionais, especificamente a BNCC, a depender de como forem pensadas e desenvolvidas, podem causar modificações no projeto formativo de toda uma sociedade. Por esse motivo, é necessário que sejam feitas análises de cunho mais crítico com o intuito de evidenciar os condicionantes que

¹ A esse respeito, Salvagni, Colomby, & Cheron, (2021), apresentam uma significativa reflexão a respeito das novas mudanças no processo de trabalho, aumentando sua precarização, como por exemplo os trabalhadores de aplicativos, a chamada uberização do trabalho.

motivam tais política, para que os profissionais da educação possam reunir forças para opor resistência a tais investidas. Pois em uma democracia, a construção de documentos norteadores precisa atender aos anseios de toda a sociedade e serem elaborados a partir do diálogo, sob o risco de ser considerado autoritário e impositivo, além de alheios ao bem comum.

Em síntese, podemos concluir que está em execução no país um projeto formativo que visa à formação de um tipo muito particular de alunos (sujeitos trabalhadores). É inegável que a BNCC longe de apresentar uma experiência formativa que persiga uma formação omnilateral, numa perspectiva unitária como aquela proposta por Gramsci (1991), na verdade “impõe” uma formação fragmentada que mira unicamente preparar mão de obra para o mercado de trabalho.

Por esse motivo, é preciso que haja um esforço coletivo no sentido de esclarecer os sentidos ideológicos por trás do contraditório projeto de experiência formativa que há na base nacional. Essa ação possibilitará que sejam organizados mecanismos de defesa por parte de todos aqueles que vislumbram uma educação de qualidade, que contribua para a transformação da sociedade em um lugar melhor e mais justo para se viver.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Theresa; PERONI, Vera. A formação das novas gerações como campo para os negócios? In: **A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas**. Organização: Márcia Angela da S. Aguiar e Luiz Fernandes Dourado. [Livro Eletrônico]. Recife: ANPAE, 2018. Disponível em: <<https://anpae.org.br/BibliotecaVirtual/4-Publicacoes/BNCC-VERSAO-FINAL.pdf>> Acesso em: 20 set. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia, Técnica, Arte e Política**. Traduzido por Paulo Sérgio Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Charles Baudelaire um lírico no auge no capitalismo**. Tradução: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. 3ª versão, Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 20 set. 2021.

DOURADO, L. F.; SIQUEIRA, R. M. A arte do disfarce: BNCC como gestão e regulação do currículo. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 291-306, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/rbpaee/article/view/vol35n22019.95407/53884>> Acesso em: 20 set. 2021.

FERNANDES, Florestan. A Política de exclusão. In: A educação negada – Introdução ao estudo da educação contemporânea. São Paulo: Cortez, 2015.

GALUCH, Maria, Terezinha Bellanda; PALANGANA, Isilda, Campaner. Experiência, cultura e formação no contexto das relações de produção capitalistas. **Intermeio (UFMS)**, v. 15, p. 71-87, 2008

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. v. 4. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8ª edição. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira, 1991.

HAMID, M. M.; GONÇALVES, S. R. V. Reforma educacional e BNCC: implicações no processo formativo dos estudantes do ensino médio. **Encontro Textos e Contextos da Docência Universidade Federal do Rio Grande** – FURG, 13, 14 e 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://textosecontextosdadocencia.furg.br/images/doc/ANAIS_TEXTOS_E_CONTEXTOS_2019.pdf#page=106> Acesso em: 20 set. 2021.

HARVEY, David. Condição pós-moderna uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

KONDER, Leandro. **A construção da proposta pedagógica do SESC-Rio.** Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2000.

KUENZER, A. Z. **Educação e trabalho no Brasil:** o estado da questão. Brasília, DF: Inep; Santiago: REDUC, 1991.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996 (Os economistas).

MENDES, Valdelaine. **Democracia participativa e educação:** a sociedade e os rumos da escola pública. São Paulo, Cortez, 2009.

NEVES. L.M. O professor como intelectual estratégico na disseminação da nova pedagogia da hegemonia. 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt05_trabencomendado_lucianeves.pdf> Acesso em: 20 set. 2021.

OLIVEIRA, Adão Francisco de. Políticas públicas educacionais: conceito e contextualização numa perspectiva didática. In: Oliveira, A. F. (Org.). **Fronteiras da Educação:** desigualdades, ontologia e políticas educacionais. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010, v. 01, p. 95104.

PINTO, G. A. **A organização do trabalho no século 20:** taylorismo, fordismo e toyotismo. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SALVAGNI, J., COLOMBY, R. K., & CHERON, C. (2021). Em contexto de pandemia: entregadores de aplicativos, precarização do trabalho, esgotamento e mobilização. **Simbiótica. Revista Eletrônica**, 8(3), 149–169. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/36817>> Acesso em: 20 set. 2021.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abrigos de bondes em Salvador 109
Art déco 109, 110, 111, 113, 114, 116, 121
Arte 1, 2, 16, 22, 23, 24, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 57, 72, 74, 75, 85
Arte brasileira 44, 45, 49
Arte e cultura 1
Atualidade 15, 67, 98, 131

B

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 76, 77, 85
Benedura 3, 4, 13, 14
Benção 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13
Bienal 44, 45, 49, 50, 51, 52, 54
Bienal de São Paulo 44, 49, 50, 51, 52, 54
Bienal Incerteza Viva 44, 50, 52

C

Cancioneiro feminino 122, 123, 124, 126, 127, 129, 130, 131, 132
Canções da Belle Époque 122
Cinema 58, 71, 72, 73, 74, 75
Conservação da cultura folclórica 15, 25
Cultura 1, 3, 5, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 30, 41, 45, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 79, 84, 85, 86, 99, 107, 121, 127, 128, 132, 133
Cura 3, 5, 6, 9, 13, 14

D

Desenvolvimento social 87, 90
Desporto aquático 87, 88
Deus 3, 7, 8, 9, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 68
Divino 3, 4, 5, 33, 34, 64, 65

E

Educação adaptada 87
Educação não formal 87, 88
Emmanuel Lévinas 27, 38

Enfermaria 1

Enfermaria de pediatria 1

Estado de Alagoas 15, 16, 18, 19, 22, 24

Exclusão 21, 83, 85, 87, 89, 91, 95, 105, 106, 107, 128, 129, 133

Experiência formativa 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85

Expressionismo alemão 71, 75

F

Formação de psicólogos 95, 103

G

Grupo Arte Única 1, 2

Guerreiro 15, 16, 19, 21, 22, 25, 26

Guerreiro Alagoano 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26

Guerreiro São Pedro Alagoano 15, 22, 25

H

Hospital de Clínicas da Unicamp 1

Humanização 1, 2

I

Inclusão 55, 59, 66, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 119, 131

Influência 13, 25, 46, 47, 58, 82, 113

Interior da Amazônia 3, 4, 5, 6, 9, 13

J

Jacques Derrida 27, 34

Jorge Menna Barreto 44, 45, 50, 52

Juventude pobre 95, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108

L

Linguagens arquitetônicas 109, 111

M

Maceió 15, 19, 22, 25

Manifestação 15, 16, 18, 19, 22, 24, 25, 32, 73

Manifestação artística 15, 24

Manifesto Pau-Brasil 44, 51

Meio-ambiente 44, 45, 47, 51, 52

Memória 15, 22, 24, 25, 27, 38, 58, 63, 66, 68, 101, 109, 113, 123, 132

Mulheres compositoras 122

N

Neocolonial 109, 110, 111, 112, 121

Novas tecnologias 44, 45, 49, 50, 52, 111

Novo trabalhador 76

P

Pará 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133

Pediatria 1

Pessoa com deficiência 92, 93

Políticas públicas 25, 55, 56, 57, 64, 66, 67, 77, 83, 84, 86, 89, 94, 97, 98, 99, 100, 105, 106, 107

Práticas de exclusão social 95

ProAC Indígena 55, 56, 57, 60, 61, 63, 66, 69, 70

Projeto Vivências Culturais 1

Psicólogos 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

R

Reolhar do medo 71

Representações sociais 95, 97, 99, 100, 101, 104, 105, 107, 108

S

Sagrado 3, 4, 5, 6, 7, 13, 34, 40, 49, 63, 64, 65

Simbologia 6, 7, 8, 9, 13

Sociedade 3, 5, 15, 16, 17, 18, 23, 25, 50, 52, 56, 59, 76, 77, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 105, 106, 131

Sociedade brasileira 76, 77, 105

Sulpício 27, 29, 31, 36, 39, 40

T

Teatro Municipal de São Paulo 44, 46

Tradução cultural 27

W

Walter Benjamin 27, 32, 33, 34, 36, 76, 77

Z


Zeca Andorinho 27, 29, 31, 35, 36, 37, 39, 41

CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:




Manifestações e influência na atualidade

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

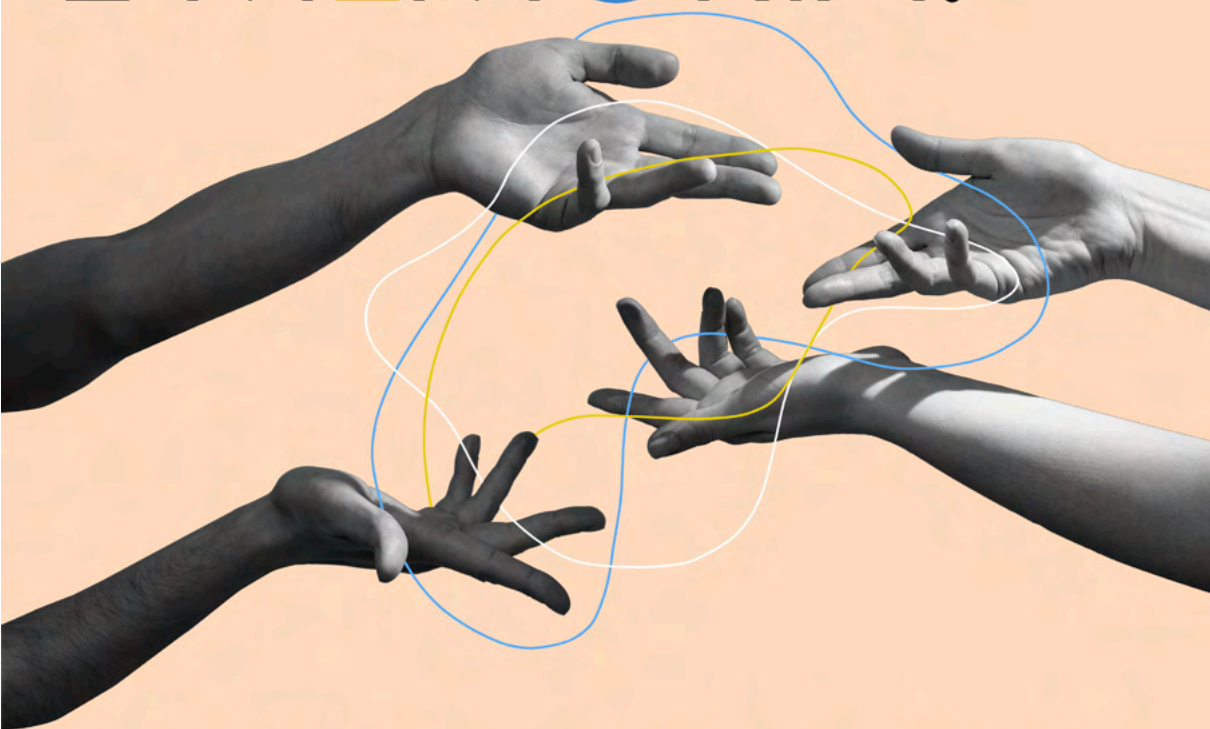
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora


Ano 2021

CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:




Manifestações e influência na atualidade

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021